

RESENHA

A CULTURA E A ARTE COMO EXPRESSÕES DA FRATURA HISTÓRICA DOS TEMPOS

Lucas André Berno Kölln¹

HOBBSAWM, Eric J. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 360 p.

O falecimento de Eric Hobsbawm em 2012 representou para a historiografia contemporânea uma perda inestimável, não somente pela valorosa contribuição do historiador inglês para um repensar acerca da prática historiográfica, mas também pelo seu profundo conhecimento da contemporaneidade, como atesta, por exemplo, a série de obras que ele publicou sobre o período que vai desde a Revolução Francesa até o século XXI.

As contribuições de Hobsbawm vão além das pesquisas com relação aos diferentes processos históricos aos quais ele se dedicou primordialmente – os quais, diga-se de passagem, cobrem um recorte de tempo de impressionante extensão –, mas também por ele ser um erudito conhecedor da história mundial. Esse conhecimento lhe permitia adentrar em diversos contextos e processos específicos sem perder de vista a complexidade do todo, dado que esse “todo” também fazia parte de sua cultura e estava coberto por seu vasto campo de interesses, leituras e pesquisas.

A sensação de lástima pela perda do historiador se reforça diante da coletânea de textos *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*, publicada pela Companhia das Letras em 2013, com tradução de Berilo Vargas. O livro reúne ensaios,

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação *História, Poder e Práticas Sociais*, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Marechal Cândido Rondon. e-mail: lucas_kolln@yahoo.com.br

artigos, palestras e resenhas que o historiador escreveu e proferiu a partir dos anos 1990, os quais apesar de cobrirem uma ampla gama de temas, possuem como um de seus eixos principais a cultura e as artes perante as transformações históricas do século XX e início do século XXI.

Ainda que os textos investiguem questões que se estendem desde a religião pública até os manifestos de vanguarda e as contribuições dos judeus para a cultura ocidental, o ponto nevrálgico de discussão é o conjunto de transformações históricas que consolidou o que Hobsbawm chama de “sociedade de consumo de massa”, e, nesse ínterim, a situação da cultura e das artes perante tal processo.

Elencar essa questão como primordial para compreender as transformações na arte e na cultura é parte de uma abordagem típica, mas que Hobsbawm domina com maestria: tratar a realidade como um conjunto e um processo dialético de fenômenos históricos, os quais são, conseqüente e primordialmente, problemas humanos. Logo, discutir a arte no século XX não é se restringir a olhar para ela, simplesmente, mas colocá-la em perspectiva histórica – isto é, abordá-la em sua temporalidade e processualidade – e, além disso, observá-la como algo indissociável de outros aspectos da experiência humana – isso é, não se tratavam de problemas da arte, mas da existência histórica dos homens sendo a arte parte dessa existência.

Parece haver, inclusive, um certo *élan* pessoal do historiador em estabelecer uma interpretação que o permita compreender a realidade em transformação, em parte pelo fato de a própria vida de Hobsbawm estar imbricada com todo esse processo. Tendo ele nascido em 1917, viveu boa parte do “breve século XX” e suas incertezas, experiência essa que o coloca numa posição privilegiada para analisar e comentar esse mundo em mudança. Reminiscências pessoais, aliás, constituem não só material empírico para determinadas discussões como também um ingrediente a mais em sua escrita, tornando seus textos tão agradáveis de se ler quanto cheios de propriedade para se fazerem ouvir sobre os temas dos quais tratam.

Buscando, pois, elucidar o que se constitui no eixo central de suas discussões, Hobsbawm escreve que a arte do século XX, aquela típica da “sociedade de consumo de massa”, delineia-se em grande medida diante da concepção de arte e cultura do século XIX. Essa última:

[...] consistia essencialmente num cânone de ‘obras’ individuais de aceitação geral, criadas por artistas incomuns de grande habilidade e, idealmente, de gênio [...] E esse corpus de arte superior não era para ser simplesmente desfrutado, mas absorvido com emoção estética e espiritual pelo indivíduo-cidadão [...]²

A arte e a cultura do século XIX ainda existem na contemporaneidade, mas de forma recessiva por conta do advento do consumo de massa. O fortalecimento dessa prática de consumo de massa busca industrializar a produção de cultura de modo a suprir uma demanda que se tornou presente e intensa com o desenvolvimento dessa sociedade, uma sociedade na qual uma “(...) economia tecnoindustrializada imerge nossa vida em experiências universais, constantes e onipresentes de informação e produção cultural - de som, imagem, palavra, memória e símbolos”.³

Desse modo, os pontos de orientação que norteiam os artistas – e, em alguma medida, a cultura – são profundamente distintos entre si: no século XIX, tratava-se da dedicação individual a sua “[...] função como medida do que é bom e do que é ruim, como transmissora de valores: verdade, beleza e catarse”⁴; no século XX, uma concepção de arte mais compatível com o “[...] pressuposto básico de uma sociedade de mercado alterada – especificamente, o de que ‘minha satisfação’, a qualquer custo, é o único objeto da experiência”.⁵

² HOBBSAWM, Eric J. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 182.

³ *Idem*, p. 14.

⁴ *Idem*.

⁵ *Id*, p. 15.

Em que pese a traumática e complexa gama de transformações pelas quais passou o século XX, que transformou sensivelmente não somente as dinâmicas produtivas ou as estruturas políticas, mas também os homens e sua percepção acerca do que são e do que é o mundo ao redor deles, Hobsbawm encontra no “fracasso das vanguardas”⁶ um dos eventos que ajuda a compreender a mudança nas artes. A atuação das vanguardas não é a causa definitiva das transformações, o que a torna significativa com relação à situação contemporânea das artes é o caráter emblemático dos questionamentos que elas propuseram. A arte *ready-made* de Duchamp ou os pressupostos dadaístas, por exemplo, não tinham como objetivo uma modernização da linguagem artística ou uma repensar sobre a necessidade de transformação nas artes, mas sim um ataque virulento à arte em si, ou melhor, ao estatuto da arte como ele existia no século XIX.

Esse ataque, embora trouxesse à baila, indiretamente, questões primordiais à arte, “(...) rompeu [...] [a] continuidade com o passado [...] [e] uma vez feito isso, [...] se achou necessariamente a caminho de parte alguma”.⁷ As vanguardas, ou ao menos parte delas, desestabilizou de tal maneira a arte e o estatuto da arte no início do século XX, que perguntas profundas se tornaram necessárias para quaisquer artistas que quisessem se inserir minimamente nesse campo, pois o “que poderia fazer a pintura depois de abandonar a tradicional linguagem de representação, ou de se afastar de seu idioma convencional o suficiente para torná-lo incompreensível? Que poderia ela comunicar? Para onde ia nova arte?”⁸

O ataque das vanguardas abriu uma frincha que só fez se desenvolver com a consolidação da “sociedade de consumo de massa”. Uma vez que a satisfação individual passava a ser o critério primordial da experiência e, ao mesmo tempo, um dos combustíveis mais poderosos – e necessários – para a

⁶ Esse é o título de um dos textos presentes na coletânea. p. 278-295.

⁷ HOBBSAWM, Eric J. Op. cit. p. 287.

⁸ *Idem*, p. 287-288.

acumulação capitalista, a flexibilidade quanto ao conceito de arte permite que uma quantidade muito maior de produções humanas sejam classificadas enquanto arte, e possam, por consequência, ser comercializadas como arte e produzidas de forma industrial.

Assim, o estatuto de arte que vicejou no século XIX foi posto em xeque, e as produções artísticas criadas a partir de seus pressupostos passavam a ser cada vez mais empobrecidas. Como Hobsbawm bem sintetiza no prefácio de *Tempos fraturados*, “este livro é sobre o que aconteceu com a arte e a cultura da sociedade burguesa depois que essa sociedade desapareceu com a geração pós-1914”.⁹

O legado das vanguardas, em certa medida, foi a demolição do conceito de arte como tal na medida em que a flexibilização conceitual sobre o que poderia ou não ser considerado como arte borrou as fronteiras que distinguem um e outro. A abertura do conceito relativizou sua utilização e, por consequência, o enfraqueceu.

Não se trata, contudo, de uma escaramuça meramente epistemológica ou mesmo terminológica, mas sim de um problema humano e, nesse sentido, social e historicamente constituído. Na medida em que os atos humanos são processados socialmente, a ruptura das vanguardas não significou a atuação de alguns sujeitos simplesmente, mas sim essa atuação em relação a um conjunto de transformações de espectro consideravelmente mais amplo e profundo. A relação dialética entre esses dois termos, repleta de uma complexidade desconcertante, desenhou o desenvolvimento da sociedade contemporânea e da cultura de massas.

Eis um dos pontos em que Hobsbawm, em *Tempos fraturados* bem como em outras de suas obras, consegue apreender a realidade e analisá-la em seus termos humanos. A variedade de temas, assuntos e questões contemplados na coletânea – da *Art nouveau* a J.D. Bernal, de Joseph Needham a Mitteleuropa – Hobsbawm, com a erudição que lhe é singular, vai pontilhando as fraturas dessa “era dos extremos” de modo a apreender não

⁹ *Idem*, p. 9.

só os pontos de ruptura, mas também os de continuidade, ainda que a unidade seja a própria fratura que os engolfa a todos. Não basta perceber o problema nas artes ou na cultura sem considerar, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de relações sociais de produção típicas das sociedades de consumo de massa. Não é suficiente compreender as engrenagens econômicas dessa sociedade deixando de lado os contornos da fé, as circunvoluções da ciência ou a ora harmônica, ora dissonante relação entre “arte e poder”.¹⁰

É precisamente dessa preocupação que surgem os interessantes diálogos entre os textos que pareciam estar, à primeira vista, tão distantes um do outro. O artigo que analisa a religião pública contemporânea não encontra-se descolado do texto sobre a *pop art*, e ambos não ficam mudos diante dos ensaios sobre as artes e a Revolução Russa. O que os une é o fato de suas naturezas serem, em primeira e última instância, problemas humanos, sendo, portanto, também sociais e históricos.

A resenha de Hobsbawm sobre a biografia de J.D. Bernal escrita por Andrew Brown,¹¹ por exemplo, não comenta somente o livro, mas constrói um opúsculo a um intelectual que tinha como preocupação primordial um compromisso consciente com a sociedade. Consciente ao ponto de tal pensamento ocupar parte central de seus escritos, ainda que ele estivesse inserido no campo das Ciências Naturais. O título de um de seus escritos mais célebres ilustra muito bem a questão, *The social function of Science* (A função social da ciência, em tradução livre).

O tom de sincera admiração de Hobsbawm por Bernal não é gratuito nem pode ser reduzido somente a afinidades ideológicas. As preocupações de Bernal, a natureza de seu compromisso e a firmeza com que ele o assumiu foram ressaltados por Hobsbawm não somente por constituírem preocupações do próprio historiador, mas também porque esse tipo de concepção acerca das ciências

¹⁰ Esse é o título de um dos textos presentes na coletânea. p. 266-277.

¹¹ O título da biografia é *J.D. Bernal: The sage of Science* (J.D. Bernal: O sábio da ciência, em tradução livre), ainda sem publicação no Brasil.

e das produções artísticas e intelectuais é a postura que se quer destacar em *Tempos fraturados*. A busca de Bernal é um dos exemplos que Hobsbawm quer sublinhar enquanto conjunto de valores e crenças dignos de admiração, como fica evidente também no ensaio *Os intelectuais: papel, função e paradoxo*, no qual o historiador critica o papel social que os intelectuais tem sido compelidos a – confortavelmente – assumir na sociedade de consumo de massa.

A preocupação de Hobsbawm não é desprovida de fundamento, dado que a fragmentação, a dissolução ou a fratura têm sido algumas das metáforas ou comparações mais frequentemente utilizadas para sintetizar nossos tempos. Em tal emaranhado de experiências, toldadas pela insistência massacrante da experiência individual e do consumo como critérios primordiais da arte e da construção do conhecimento – para não tocar na questão política –, refletir sobre a natureza do problema ou aquilo que minimamente o generaliza, é um ato de ousadia.

Conforme Hobsbawm bem o notou, a “revolução industrial que ocorreu nas produções da mente, como a das produções materiais, tem duas causas: o progresso técnico, que substitui as habilidades manuais, e a demanda de massa, que as torna inadequadas”.¹² Isso põe-nos um problema que extravasa aquilo que Walter Benjamim chamou de a “era da reprodutibilidade técnica da arte”, pois “o aspecto crucial [desse processo] não é simplesmente a capacidade de reproduzir criações individuais em grande quantidade (...), mas a capacidade de substituir a criação”.¹³ Ou seja, há muito o que se pensar e muito o que refletir.

¹² HOBSBAWM, Eric. J. Op. cit. p. 300.

¹³ *Idem*.

